

MANUEL MARIA CARRILHO

ANGELA SILVA,

Expresso/Revista, 11-08-2001

“Era uma criança irrequieta a quem a avó materna tentava serenar com afagos - «coitadinho, esta cabeça é um vulcão». O segundo de sete irmãos, cresceu numa família forte e povoada - uma das mais conhecidas de Viseu, nos anos 60 — e, talvez por isso, diz que nunca se sentiu só no mundo. O pai era um homem do antigo regime — foi governador civil de Viseu —, severo e conservador. A mãe, um exemplo de doçura. Carrilho foi educado com todos os preceitos de certos meios daquele tempo, em que o doce das mulheres não fazia milagres com a dureza das rotinas. Muito católicos, nenhum dos filhos escapava ao terço diário nem à confissão mensal.

Carrilho foi acólito, viveu «os piores meses» da sua vida num colégio de beneditinos em Lamego, e acabou ateu. Nunca foi fácil, o Manuel Maria. Perfeccionista, inteligente, rebelde e altivo, tinha em comum com o pai a forma determinada como assumia as convicções. E depois de devorar as cartilhas, tornou-se num revolucionário. Da mãe, herdara uma costela instrospectiva e, para desgosto da família, trocou o Direito pela Filosofia. A sua primeira paixão tinha sido a Medicina mas, desde que um tio lhe pregou um susto com um esqueleto, desistiu. Ainda hoje há quem o ache assustadiço. Ele diz que «desde que haja um certo tempo de racionalização» não sabe se tem medo das coisas.

Foi estudar Filosofia para Lisboa porque queria algo mais cosmopolita. E foi na capital que iniciou uma carreira académica fulgurante - com grande investimento no circuito intelectual europeu, sobretudo francês -, que o levou ao doutoramento com apenas 33 anos. Na altura, já estava separado da mulher com quem casara aos 21 e de quem tem um filho. Mais tarde, teve uma filha de uma outra ligação. Em 1986, já doutorado, Carrilho aderiu ao PS, mas durante anos foi apenas um académico atento à política. Em 1994 tudo mudou, quando foi chamado aos Estados Gerais onde conheceu António Guterres e se deixou convencer pelo seu discurso de mudança.

Na altura Guterres falava de paixões, a cultura era uma área de ruptura com o cavaquismo, e Carrilho aceitou ser ministro. Nos primeiros tempos tudo correu bem e quem ouviu o elogio que o primeiro-ministro lhe dedicou poucos dias antes dele bater com a porta - «antes, não havia política cultural em Portugal» -, dirá que o ministro ganhou a aposta. Mas uma enorme ambivalência marcou o seu consulado. Se manteve os principais agentes da Cultura em paz, gerou fortes detractores que o acusaram de todos comprar com uma política de favores; se contou sempre com o apoio pessoal de Guterres (incluindo na guerra em que se envolveu com o banqueiro Artur Santos Silva, por causa da Porto/2001), nunca «passou» no aparelho do PS. Alérgico a futebol, a almoçaradas e a «boys», Carrilho não lhes facilitou a vida e alimentou ódios.

Pelo que não foi nada difícil ao líder do PS pôr o último Congresso do partido a dedicar-lhe uma vaia monumental. Mas estes já eram outros tempos. Em 1999, quando Guterres viu escapar a maioria absoluta, Carrilho desiludiu-se com o projecto, antecipou o desastre e, em 2000, saiu pelo seu pé. Passou a escrever crónicas demolidoras para o guterrismo. E para o próprio Guterres, como se a paixão tivesse cedido ao ódio. Desconfortável num Parlamento cuja qualidade pouco respeita, o ex-ministro que um dia escreveu «O Elogio da Arrogância» voltou a ter muito tempo, voltou a ser um leitor compulsivo que não perdeu o jeito de chamar as atenções sobre si.

Apasionado pela estrela Bárbara Guimarães, desconcertou os meios políticos, desassossejou as revistas cor-de-rosa e, aos 50 anos, assentou. Da política ainda quer muito, mas não sabe bem o que pode esperar. Porque as paixões são mesmo assim. Segundo o próprio, numa entrevista: «Elas podem ser funestas. Porque são trajectos feitos no maior desamparo...»